



## **O signo do Risível: Uma Análise Semiótica do Riso No Desempenho do Palhaço Tiririca <sup>1</sup>**

Diego Frank Marques Cavalcante<sup>2</sup>  
Unifanor Wyden

### **RESUMO**

Esse artigo consiste em um primeiro esforço para compreender a lógica do riso. Para isso, será utilizada a abordagem semiótica de Charles Sanders Peirce. Se assumirmos que o humor é caracterizado pela quebra da normalidade, imprevisibilidade bem como por suas singularidades culturais, então, como estes aspectos podem ser compreendidos enquanto processos de semiose? O propósito desse artigo é tatear possibilidades de uma semiótica do risível. Tomaremos o palhaço Tiririca como objeto de investigação. O risível em Tiririca deriva, sobretudo, do modo invulgar que abstrai a seriedade por meio de signos cinéticos, sonoros e visuais. Tais signos fazem coexistir a insegurança infantil dos signos não verbais com conotações do universo adulto. .

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica; Semiótica do Humor; Risível, Tiririca.

---

1 Trabalho apresentado naDT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

2 Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de semiótica, teorias da comunicação e cibercultura na Unifanor Wyden. .



### **Introdução: Aspectos do riso para uma abordagem semiótica**

A problemática do riso vem mobilizando reflexões desde os gregos como Aristóteles (ano) até os mais recentes trabalhos em neurociências como em Weems ( Há! A Ciência do riso). Não é o intuito dessa introdução fazer um panorama dos estudos sobre o riso ao longo da história da humanidade. Nas Ciências Sociais trabalhos interessantes já trataram do assunto como o de Verena (1999).

Interessa-nos antes perceber aspectos que se repetem nas diferentes abordagens, destacá-los e a partir das suas relações complementares buscar compreender a lógica de significação do riso. Por outros termos, o problema é o que faz rir do ponto de vista semiótico? Não se ambiciona, no entanto, propor uma lógica universal do riso. Tratar-se-ia de um ponto de partida que será refinado em suas experiências analíticas singulares.

Na poética de Aristóteles (2008) é possível destacar a relação entre imprevisibilidade, criatividade e o riso. O filósofo classifica a comédia no escopo da poética. Para o pensador grego não importa ao poeta dizer o que aconteceu, mas antes o que poderia ter acontecido. Por outros termos, o aspecto de insubordinação em relação à representação do real já pode ser percebido.

Segundo Aristóteles (2008) a comédia está na esteira da poética, logo, também é conduzida pela perspectiva de invenção de formas que subvertem a realidade. O riso para o filósofo grego derivaria dessa subversão. Segundo Morreal (1983), Aristóteles encabeça a perspectiva da incongruência do riso que é caracterizada pela fuga da realidade. Não obstante, Plesner caracteriza o riso como a resposta corporal diante da crise do sentido, do senso de coerência. Tratar-se-ia de uma descarga positiva do corpo diante do caos. O riso, portanto, enuncia aquilo que a razão não foi capaz de representar: rimos porque não conseguimos lher dar com isso.

A perversão do real, portanto, é o primeiro aspecto que gostaríamos de destacar para uma abordagem semiótica. Esse aspecto já está conectado com o segundo: o da



criatividade. Ou seja, a produção de combinações invulgares, inesperadas que subvertem o real provocam o riso.

Nesse sentido, Cohen (2011), por exemplo, compreende o humor como experiência que transcende a seriedade e, nesse sentido, abre espaços para a liberdade de pensamento. Por outros termos, a fuga do racional, do plausível, possibilita uma liberdade de articulação que a seriedade reprime. O riso é o oposto à norma.

Bergson (1983) faz uma reflexão sobre o riso e o insere dentro de uma lógica social. Para o autor, o riso tem a função social de causar embaraço, podendo este ser psicológico ou físico. Ele classifica o riso como: a) uma condição do homem; b) precisa do coro social; c) exige a ação da inteligência.

Bergson (1983) sobre o que provoca o riso destaca: a imitação: o riso como fruto da realização de gestos mecânicos, como se fossemos objetos; a repetição: a realização de movimentos repetitivos, em contraste com a característica mutável dos seres humanos propiciando o riso; a situação invertida: o riso provocado pela inversão de situações ou de papéis que fogem ao que é padrão, as expectativas são quebradas justamente pelo que lhes é oposto; a interferência recíproca: a causa do riso sendo a ambiguidade, ou seja, as diferentes interpretações que algo pode ter, mas pertencendo a dois eventos simultâneos e independentes; o absurdo: nesse caso, o riso é resultado de reações inesperadas, não intencionais, geralmente através do uso de estereótipos.

Como destacado acima não é nossa intenção fazer um panorama das diferentes abordagens do humor, mas antes apenas destacar aquelas que nos interessam para destacar aspectos provisórios para uma semiótica do humor. São elas: a) seu aspecto poético; b) de insubordinação da realidade c) sua contextualização sócio-cultural.

No próximo tópico, portanto, iremos destacar aspectos que nos interessam da semiótica de Charles Sanders Peirce.

### **1. A abordagem semiótica de Peirce**

A semiótica é a ciência que tem como objeto os processos de significação. Na abordagem proposta por Charles Sanders Peirce esse processo se desenvolve por



meio da relação entre os três correlados: fundamento do signo, a relação do fundamento com o objeto e seu efeito interpretante.

A semiótica está inserida em uma ampla arquitetura conceitual desenvolvida por Charles Sanders Peirce. Este quadro pode ser assim apresentado: 1. Matemática; 2. Filosofia; 2.1 Fenomenologia; 2.2 Ciências normativas. São três as ciências normativas: 2.2.1 Estética; 2.2.2 Ética e 2.2.3 Semiótica. Da mesma forma, são três os ramos da semiótica: 2.2.3.1 Gramática especulativa; 2.2.3.2 Lógica crítica, 2.2.3.3 Retórica especulativa. Peirce propõe ainda a Metafísica 2.3 e as ciências especiais 2.4 (CP 1.991- 1.99).

Neste artigo, no entanto, não nos interessa detalhar os ramos da semiótica ou sua relações com as outras ciências ou quase-ciências propostas por Peirce, pesquisadores da obra de Peirce como Romanini (2006), Santaella (1995) ou Ibri (1992), por exemplo, já o fizeram com ampla competência.

Interessa-nos, nesse primeiro momento, compreender apenas o processo de semiose do riso, ou seja, qual o significado propriamente risível? Qual sua lógica? Para isso, portanto, destacaremos a fenomenologia que é a quase-ciência que fundamenta a semiótica bem como a primeira parte da gramática especulativa: aquela que destaca os principais tipos de signos relacionados ao processo de semiose e suas relações.

Para entender a trama da semiose é necessário partir da fenomenologia. Isso porque as três categorias propostas por Peirce retornam em toda arquitetura filosófica, sobretudo, em sua semiótica. As três categorias são: primeiridade (Firstness), secundidade (Secondness) e terceiridade (Thirdness). Estas podem ser compreendidas como finos esqueletos, tons, ou estruturas lógicas das aparências que, por meio das suas relações, tornam possível estudar qualquer phaneron. São três as categorias:

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outro. Secundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é relatado a um segundo, mas independente de qualquer terceiro. Terceiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, pondo um segundo e um terceiro em relação



um com o outro [...] Designo essas três ideias como categorias cenopitográficas (PEIRCE, 1998, p.168).

A terceiridade como categoria da mediação, regularidade, mente, inteligência caracteriza a ação do signo, fazendo, portanto, a conexão da fenomenologia com a semiótica. É importante destacar que a secundidade envolve a primeiridade assim como a terceiridade envolve as duas categorias precedentes. Nesse sentido, seria interessante falar em predominância de uma dada categoria na expressão dos fenômenos do que vislumbrar sua manifestação pura. Essa lógica também permeia a semiótica.

Peirce (1998) apresenta pequenas variações sobre sua definição de lógica ou semiótica. Em geral, o autor destaca este ramo como a ciência que estuda o caráter representativo dos signos em relação aos seus objetos. Esta representação é pensada como uma mediação inteligente que tem como objetivo tornar eficientes as relações entre o objeto e sua representação. Interessa à lógica, portanto, estudar como deveria funcionar o signo para que tivesse um determinado efeito significativo. "A lógica é a ciência das leis (quase) necessárias gerais dos signos e, especialmente, dos símbolos" (PEIRCE, 2008, p. 29). "A lógica classifica os argumentos, e ao fazê-lo reconhece diferentes espécies de verdades" (PEIRCE, 1998, p. 200).

Em uma sentença: a semiótica poderia ser compreendida como o estudo da ação do signo ou semiose. Peirce (1998), em diferentes textos, descreve diferentes gradações de detalhamento sobre a ação do signo. O conceito mais simples e difundido poderia ser assim sintetizado: signo é uma coisa (fundamento do signo) que está no lugar de outra (seu objeto) para uma terceira (seu interpretante).

A ação do signo ou semiose, portanto, se desenvolve na relação entre seus três correlatos sîgnicos: signo, signo em relação ao objeto e efeito interpretante do signo em uma mente. Semiose é sinônimo de comportamento inteligente, evolução, crescimento, processos adaptativos. É nesse sentido que a função do signo deve tornar eficientes as relações ineficientes, possibilitar o acréscimo de conhecimento. Nesta relação, predomina o caráter triádico-mediativo do signo em detrimento do diático-reativo.



Peirce (1998) divide a semiótica em três ramos: gramática especulativa que é o ramo da semiótica que se preocupa em estudar como deveriam funcionar os signos para gerarem significados; a lógica crítica que se preocupa em extrair de forma eficiente por meios dos diferentes tipos de argumento conhecimento do signo; e a retórica especulativa que pode ser compreendida como a análise das relações mentais desenvolvidas a partir dos signos ou de uma forma mais abrangente uma metodologia para as ciências.

## **2.O signo do Risível: o riso sem sentido do palhaço Tiririca**

Interessa-nos aqui destacar apenas a primeira parte da gramática especulativa, ou seja, como deveriam funcionar os signos do risível para produzir graça? Vamos, portanto, a hipótese sobre uma semiose do riso. Tal explicação deriva da problemática: o que é risível do ponto de vista semiótico?

Nesse sentido, é preciso destacar os aspectos do risível (apresentados na introdução do artigo) para depois pensá-los do ponto de vista semiótico. Sintetizaremos os aspectos em três principais em consonância com as categorias fenomenológicas que fundamentam a semiótica.

De princípio uma hipótese geral do que seria uma semiose do riso. Poder-se-ia sintetizar os aspectos gerais do riso a partir de três premissas: a) o riso é efeito de uma processo criativo (Aristóteles); b) essa criatividade envolve a abstração-fuga-perversão-distorção da realidade (Cohen); c) essa realidade corrompida está dentro de um contexto sociocultural e político(Bergson- Strauss).

Poder-se-ia sintetizar essas relações em uma sentença: o riso é efeito da abstração da seriedade derivada de um modo criativo de jogar com um dado contexto e sua torção.

Primeira hipótese: Se a semiótica estuda a lógica dos processos de representação da realidade e se assumirmos que o riso pode ser compreendido como efeito de um processo criativo de subversão da seriedade em dado contexto cultural, então, a semiótica do riso poderia ser compreendida como a lógica da quebra lógica da representação de um objeto em um dado contexto.

Detalhando os termos da hipótese. A) a lógica dos processos de significação se desenvolve pelas relações entre os três correlatos: fundamento, fundamento em



---

relação ao objeto e efeito interpretante. Gostaríamos de destacar a importância do que Peirce(1998) chama de interpretante comunicacional. Trata-se do conhecimento compartilhado entre os envolvidos no processo de semiose. Esse interpretante comunicacional estaria envolvido tanto com o fundamento do signo (sua estética) como sua relação com o objeto (representação).

Fundamento do signo: O fundamento do signo é, por assim escrever, a parte explícita do signo: é a que se apresenta que substituí, faz o objeto representado continuar de alguma forma. Poder-se-ia dizer que é a estética se esse termo fosse compreendido como aparência.

Peirce (1998) distingue três tipos de fundamentos de signo: os quali-signos que são os tipos de qualidades apresentadas no signo, ou seja, suas cores, formas, sons, temperaturas etc; os sin-signos que seriam relações singulares e contextuais dos quali-signos; os legi-signos que são regras, padrões ou leis de apresentação dos signos.

É importante destacar que tal como a fenomenologia é preciso pensar os signos de forma complexa e recursiva. Por outros termos, eles coexistem em gradações diferentes nos processos de fundamentação do signo, ou seja, as regras ou leis de aparências (legi-signos) só podem ser percebidas se atualizadas em casos singulares e estes, por sua vez, precisam das qualidades (quali-signos) para produzirem uma expressão contextual.

Como, portanto, poder-se-ia pensar a fundamentação do signo do humor? Tratar-se-ia de relacionar os três aspectos gerais ao modo como o signo se apresenta, ou seja, criatividade, quebra da seriedade e contexto relacionados ao fundamento do signo, logo, como as qualidades dos signos são organizadas de forma criativa quebrando sua lógica normativa de apresentação?

Para analisar a produção estética do riso de um humorista, portanto, propomos o seguinte procedimento: a) destacar os quali-signos que subvertem a seriedade-normalidade; b) como se conectam tornando sin-signos do risível; c) destacar as regularidades no modo como se apresentam. Esse aspecto tem o propósito de investigar a estética do signo do riso de um dado humorista.

Tomaremos como objeto de investigação os signos do riso do palhaço Tiririca. Observamos vários shows e entrevistas do aludido palhaço. Identificamos



as regularidades de sua estética risível por meio de suas réplicas, ou seja, sin-signos especiais que atualizam a lógica de Legi-signos.

Por outros termos, são expressões signícas que trazem gradações de regularidades que indicam o governo de uma mente-lei. Lembrando que enquanto geral o Legi-signo influencia apresentações futuras é um hábito, logo, precisa de ocorrências específicas para que seu caráter de mediação seja reconhecido. Como estamos falando de fundamento do signo tratar-se-ia de hábitos de expressões de signos.

Em resumo, como o fundamento do signo produziria o riso? Tratar-se-ia da forma criativa que quebrar a normalidade da apresentação dos signos em dado contexto. Tomaremos, portanto, uma ocorrência específica para analisar a lógica estética do signo risível do palhaço Tiririca. Trata-se de uma entrevista concedida no programa Jô 11 :30 em 1996. Nessa ocasião, Tiririca diz apenas uma frase e todos caem na gargalhada. Eis o diálogo:

JÓ Soares: Que coisa impressionante esse seu sucesso, menino!

Tiririca: Graças a Deus!

Do ponto de vista verbal o enunciado não tem qualquer graça. No entanto, o risível do Palhaço Tiririca está concentrado, segundo nossa análise, na expressividade dos signos e não em seu significado. Em termos semióticos, é no fundamento do signo que repousa a maior parte de sua graça.

Destacaremos aspectos regulares, ou seja, que indicam um hábito (legi-signo) no modo como os signos são apresentados. O primeiro hábito de apresentação signíca se refere á tonalidade de voz. Tiririca simula uma voz mais fina quebrando a expectativa do que se espera da apresentação da voz de um homem adulto. O aludido graças à Deus é enunciado dessa forma.

Outros signos presentes na graça são os cinéticos. Os movimentos de Tiririca são tímidos, hesitantes, lentos. O Palhaço coloca as mãos entre as pernas e constantemente tem seu olhar voltado para baixo indicando vergonha. Essa apresentação contrasta com as suas verbalizações que são deveras debochadas e espontâneas. Na linha dos signos visuais temos as roupas extremamente apertadas e de cores marcantes (amarelo e vermelho) geral. Outro aspecto que quebra a normalidade é a ausência de dentes que contrasta com o exibicionismo do sorriso.





Os signos apresentados por Tiririca quebram a seriedade do enunciado verbal Graças à Deus produzindo riso da platéia. Por um lado, do ponto de vista verbal, temos um Legi-signo- Simbólico- Argumentativo. Deus é quem promove a graça. Eu, Tiririca, tenho fiz sucesso, logo, é graças à Deus.

Não há aspectos risíveis nesse argumento. No entanto, os aspectos não verbais promovem o riso. O efeito interpretante risível deriva antes dos aspectos não verbais conectados ao fundamento do signo, como analisados acima. O aspecto risível tem predominância no fundamento do signo, ou seja, na sua aparência. O processo criativo e de quebra da seriedade está prioritariamente ligado a apresentação sígnica.

Analisando o processo de semiose, ou seja, da ação do signos, poder-se-ia descrever como um Legi-signo-icônico-remático. Legi-signo porque se trata de uma forma com gradações de regularidades na forma de apresentar as qualidades em ocorrências individuais (como no caso do graças à Deus). Icônico porque as entonações sugerem qualidades infantis na voz, na insegurança dos movimentos, nas cores, na ausência dos dentes. Tratar-se-ia de um riso remático porque a quebra da seriedade deriva, sobretudo, do fundamento do signo, da sua apresentação e quando o efeito interpretante é signo de essência é chamado de remático.

O riso remático, portanto, seria o mais imediato isso porque o risível está conectado à aparência, nesse sentido, a mente não precisa fazer conexões. No riso discente, por sua vez, a mente precisaria fazer conexões entre contextos e esquemas de atenção. O riso derivaria da forma invulgar e a abstração da seriedade no qual os contextos estão associados pelo signo. O riso argumentativo, por sua vez, seria o mais complexo e, logo, demorado. Derivaria do conhecimento de determinadas premissas que associadas a conclusões criativas e que ao mesmo tempo quebrem a seriedade.

### **Considerações finais**

O propósito do artigo foi fazer uma primeira experiência compreensiva sobre a lógica do riso. Utilizamos a metodologia semiótica do risível que ainda está em fase de aprimoramento em consonância com seus usos no Grupo de Pesquisa em Semiótica do Humor.



---

Experimentamos a abordagem na produção do riso no palhaço Tiririca. A singularidade do risível no caso analisado deriva do modo invulgar como o palhaço se utiliza dos recursos não verbais como entonações de voz, roupas, gestos. Tratar-se-ia de um riso que deriva da expressão do signo, ou seja, prioritariamente no fundamento do signo.

É claro que o processo de semiose deriva da relação entre as três partes do signo. A segmentação é apenas uma forma didática de buscar a singularidade do riso e sua predominância. Em outros textos buscaremos aperfeiçoar o método e analisar diferentes lógicas do riso.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. O riso e o risível na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Ed. FGV, 1999.
- ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Trad. A. P. de Carvalho. Introdução e notas J. Voilquin e J. Capelle. Estudo introdutivo G. Telles Jr. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 2008.
- BERGSON, H. O riso. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MINOIS, George. História do riso e do escárnio. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora da Unesp, 2003
- MORREALL, John. Taking laughter seriously. Albany: The State University of New York, 1983.
- IBRI, Ivo Assad. Kósmos Noetós - A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva/Hólon, 1992.
- PEIRCE, Charles Sanders. The collected papers of Charles Sanders Peirce. Electronic edition. Vols. I-VI. C. Hartshorne & P. Weiss (eds.). Charlottesville: Intalex Corporation. MA: Harvard University, 1931-1935.
- \_\_\_\_\_. Antologia Filosófica. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 1998.
- \_\_\_\_\_. Semiótica. São Paulo, perspectiva, 2008.
- ROMANINI, Anderson Vinícius. Semiótica minuta- especulações sobre a Gramática dos a gramática dos signos e da comunicação a partir da obra de Charles S. Peirce (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.
- SANTAELLA, Lúcia. A teoria geral dos signos. São Paulo: Ática S.A, 1995.
- WEEMS, Scott. Ha! The science of when we laugh and why. Nova York: Basica Books, 2014  
]